

# Motivação no Espaço Escolar: Em busca de uma prática libertadora.

Ana Paula Scherer da Silva Krupp<sup>1</sup>

Tatiana Brito Teixeira<sup>2</sup>

**RESUMO** – A concepção da pedagogia do diálogo implica nas mudanças de atitudes práticas e teóricas no espaço escolar. Esta pedagogia é fundamental para que o aluno sintá-se motivado em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse artigo, apresentamos algumas reflexões relativas às angústias cotidianas dos educadores. Reflexões debatidas e organizadas em um diálogo entre Paulo Freire e Ira Shor na obra “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor”.

**PALAVRAS-CHAVE:** pedagogia; diálogo; motivação; aprendizagem; educação libertadora.

Segundo definição dos dicionários, motivação é um impulso que faz com que as pessoas ajam para atingir seus objetivos. A motivação envolve fenômenos emocionais, biológicos e sociais e é um processo responsável por iniciar, direcionar e manter comportamentos relacionados com o cumprimento de objetivos. Motivação é o que faz com que os indivíduos deem o melhor de si e façam o possível para conquistar o que almejam.

Desta forma, no espaço escolar, a “motivação” deve ser o centro das ações, seja no processo educacional ou na prática docente. É preciso que no espaço escolar, os objetivos sejam alcançados e que a aprendizagem ocorra de forma efetiva.

Na obra “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor” Paulo Freire e Shor dialogam sobre diversas questões relacionadas à educação muitas vezes levantadas pelos professores, em especial os interessados pela mudança social. O

1 Formada em Letras-Português pela Unisinos/RS e especializando-se em Neuroeducação e Educação Inclusiva pela FAMEPLAN.

2 Formada em Artes Visuais pela FEEVALE/RS e especializando-se em Interdisciplinaridade na prática pedagógica pela FURB.

diálogo apresentado é envolvente e sugestivo porque traz questões relacionadas à prática docente:

A maior parte dos que trabalham em salas de aula sabe que a docência exige muito de nós. É também, uma atividade muito prática, embora tudo que ocorre em classe seja a ponta de um iceberg teórico. Mas os professores se interessam mais pela prática do que pela teoria. Apesar de toda prática ter um fundamento teórico e vice-versa, a maioria das pesquisas em educação não é de muita ajuda nas horas agitadas da sala de aula concreta. (Freire, 1992, p 12).

Dentre os vários assuntos, a motivação é o primeiro foco da obra citada. Freire e Shor dialogam que a escola não motiva os estudantes e que estes são excluídos da busca, da pesquisa e da curiosidade. Segundo eles, os alunos recebem respostas para serem memorizadas e o conhecimento ofertado não está relacionado à realidade do discente. E desta forma, a escola não possibilita uma aprendizagem motivadora.

O processo de aprendizagem acontece a partir do resultado da relação das experiências que o aluno traz com a construção de novos conhecimentos, resultando assim na aprendizagem pessoal. Quando o aluno aprende, ele adiciona novos conhecimentos aos que já possui. A escola precisa garantir o avanço dos seus alunos para que o processo de aprendizagem aconteça.

Então surge o grande desafio do professor: despertar no educando a motivação para a interação com o conhecimento e com as pessoas que estão a sua volta (colegas e professores), pois o conhecimento também se dá a partir da interação com o outro.

A escola deve ser um espaço que motive o aprendente e não somente que se ocupe em transmitir conteúdos. E o professor precisa propor atividades que os alunos tenham condições de realizar e que despertem a curiosidade deles e os faça avançar. É necessário levá-los a enfrentar desafios, a fazer perguntas e procurar respostas.

Freire afirma que a motivação é uma questão muito interessante e que o processo da mesma não pode estar fora da prática ou até mesmo antes. Para ele, “a motivação faz parte da ação. Isto é, você se motiva à medida que está atuando”.

1 Formada em Letras-Português pela Unisinos/RS e especializando-se em Neuroeducação e Educação Inclusiva pela FAMEPLAN.

2 Formada em Artes Visuais pela FEEVALE/RS e especializando-se em Interdisciplinaridade na prática pedagógica pela FURB.

Atualmente, o principal problema enfrentado na educação, é o significado que a escola tem seja para os alunos, para os responsáveis e também para os professores.

Quando os profissionais se usam da motivação em relação à importância da escola para o um futuro distante, ou até mesmo promovem ações como: prêmios pela melhor nota, melhor aluno, recompensas, etc. segundo Freire, a escola mostra-se incapacitada de motivar o estudante para a aprendizagem. Este processo de motivação: ação e recompensa faz com que o aluno repita o que os professores dizem conseguindo assim a recompensa.

O processo da aprendizagem deve estar sustentado na troca de conhecimentos entre professores e alunos, onde um aprende com o outro, através do interesse, das experiências e da curiosidade. Com esta troca, ambos aprendem, pois o ensino não será decorado ou memorizado apenas para passar de ano ou para ganhar promoções e sim porque a aprendizagem efetiva aconteceu de fato e não será esquecida.

Segundo Freire, uma das melhores formas de motivar o aluno no processo da aprendizagem é através da pesquisa, portanto, o professor deve ser o primeiro a se tornar pesquisador. Uma forma de iniciar este processo é através da investigação dos seus próprios alunos. O professor deve conhecer/saber da vida dos alunos. Esta é uma tarefa básica da sala de aula libertadora. E a partir da realidade dos educandos, trabalhar os conteúdos propostos ligando estes ao interesse dos alunos.

A educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contassem. Se os professores ou os alunos exercessem o poder de produzir conhecimento em classe, estariam então reafirmando seu poder de refazer a sociedade (FREIRE, 1992, p. 21).

Os administradores do espaço escolar também têm desafios e papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Eles precisam estar vigilantes e buscar subsídios para motivar seus professores impedindo que a prática docente não se resuma apenas no cumprimento do currículo que lhes é ofertado. É preciso levar o docente a buscar novas práticas, a investir na pesquisa e no incentivo a curiosidade do educando, impedindo a prática de “transferência de conhecimento”.

1 Formada em Letras-Português pela Unisinos/RS e especializando-se em Neuroeducação e Educação Inclusiva pela FAMEPLAN.

2 Formada em Artes Visuais pela FEEVALE/RS e especializando-se em Interdisciplinaridade na prática pedagógica pela FURB.

Segundo Freire, o estudante também tem dificuldade em compreender um professor que não “empurre o conhecimento goela baixo”, considerando o ensino não-tradicional como não ensino. Isso ocorre porque é muito mais fácil aceitar algo imposto, sem a necessidade de pensar. Os alunos não são incentivados a serem críticos e atuantes da prática educativa. “A crítica cria disciplina intelectual necessária, fazendo perguntas ao que se lê ao que está escrito, ao livro, ao texto”. Assim deve ser a prática do professor.

E por este motivo, muitos professores não sabem como buscar essa prática libertadora nem como motivar seus alunos a ter interesse por uma educação diferente da tradicional. Até porque nem mesmo eles conhecem esta práxis ideal ou tiveram tais modelos em sua formação.

Paulo Freire também se utilizou de uma prática tradicional, alternando no início de sua carreira métodos tradicionais com os não-tradicionais, porém, com o passar do tempo, ele foi se transformando em um professor libertador, utilizando os trabalhos dos alunos para ensiná-los.

Uma prática libertadora consiste em tornar o educando crítico e consciente da organização social em que está inserido. É tornar o educando protagonista de seu próprio conhecimento, é torná-lo político e capaz de refletir, criticar e reivindicar pelos direitos que, enquanto ser humano, todos possuem. Por isso, Freire define a educação como política. Segundo ele, “a educação é política e a política tem educabilidade” (p.77).

E essa educabilidade precisa ser exercida para que seja possível promover as relações democráticas que estimulam a prática libertadora.

O educando só será capaz de se colocar no mundo a partir deste conceito, se tiver como “espelho” um educador que lhe proporcione de fato voz e vez na compreensão de mundo. Que lhe possibilite diversas vivências para que a partir delas possa estar impregnado de subsídios que os levem as mudanças desejáveis de seu papel na sociedade.

Através da educação libertadora, podemos fazer algumas mudanças localizadas na sala de aula, que não devem ser confundidas com mudanças

1 Formada em Letras-Português pela Unisinos/RS e especializando-se em Neuroeducação e Educação Inclusiva pela FAMEPLAN.

2 Formada em Artes Visuais pela FEEVALE/RS e especializando-se em Interdisciplinaridade na prática pedagógica pela FURB.

na sociedade global, mesmo que essas mudanças imediatas possam se tornar elemento de uma transformação mais ampla (FREIRE, 1992, p. 162).

A motivação a partir desta prática libertadora acontece de forma natural e sistêmica. O discente vê na atuação do professor um caminho a ser desvendado e seguido. O que ocorre é que na maioria dos casos o professor não enxerga em si um ser capaz de proporcionar mudanças significativas na aprendizagem como um todo.

Para tornar-se um educador libertador o mesmo precisará despir-se de fatores que historicamente fazem parte da formação como preconceito, medo de julgamento e autoritarismo. O diálogo será o grande eixo norteador de todas as relações entre o que ensina e o que aprende. Juntos, terão a possibilidade de reconhecer suas qualidades e defeitos também importantes para que ocorra verdadeiramente uma prática libertadora. Será uma relação sem “máscaras”, onde ambos descubrem-se como seres que atuam em uma mesma sociedade.

O educador libertador está com os alunos, em vez de fazer as coisas para os alunos (FREIRE, 1992, P.204).

Neste contexto, seria importante que a escola, de uma forma geral, estivesse preparada e aberta para acolher esta prática libertadora buscando estratégias de motivação, passíveis de aplicação.

Essas estratégias dizem respeito à organização da mesma que precisará passar por uma avaliação no sentido de descobrir-se enquanto entidade que desenvolve essa prática.

A motivação para prática libertadora deverá perpassar toda a concepção desse espaço. Desde a organização das estruturas físicas, a qualificação dos docentes, dos funcionários, dos pais e responsáveis e o comprometimento com uma proposta pedagógica que garanta essa intencionalidade.

A busca desta prática, precisa ser vivida não só na relação professor e aluno, mas sim por toda uma comunidade escolar. O descobrir o mundo em um espaço que proporciona isso de forma natural e para todos é uma utopia possível, desde que seja desejo dos indivíduos que atuam neste espaço.

Por fim,

1 Formada em Letras-Português pela Unisinos/RS e especializando-se em Neuroeducação e Educação Inclusiva pela FAMEPLAN.

2 Formada em Artes Visuais pela FEEVALE/RS e especializando-se em Interdisciplinaridade na prática pedagógica pela FURB.

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido de empowerment ou da liberdade (FREIRE, 1992, p.135).

### **Referências:**

- FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**, 4ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

1 Formada em Letras-Português pela Unisinos/RS e especializando-se em Neuroeducação e Educação Inclusiva pela FAMEPLAN.

2 Formada em Artes Visuais pela FEEVALE/RS e especializando-se em Interdisciplinaridade na prática pedagógica pela FURB.